

PROMOÇÃO DE AÇÃO EDUCATIVA SOBRE ANTICONCEPÇÃO E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda de Alencar Pereira Gomes (1); Sintya Gadelha Domingos da Silva (1); Jonathan Emanuel Lucas Cruz de Oliveira (2); Clístenes Daniel Dias Cabral (3); Débora Taynã Gomes Queiroz (4)

*(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Universidade Estadual da Paraíba.)
E-mail. amanda.alencar@hotmail.com*

Resumo: O período da adolescência é caracterizado pelos marcos simbólicos de mudanças físicas devido a maturidade sexual. Poder refletir antecipadamente sobre o início da vida sexual de forma segura beneficia o adolescente para uma evolução saudável. As ações de atenção à saúde dos adolescentes devem ser feitas de modo a aperfeiçoar o planejamento familiar ou reprodutivo, com a disponibilidade e esclarecimentos sobre os métodos de anticoncepção por um profissional qualificado, para que assim, cada vez menos sejam registrados casos de gravidez na adolescência, juntamente com a redução de casos de infecções sexualmente transmissíveis. O estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada através da ação de educação em saúde sobre métodos contraceptivos e prevenção da gravidez na adolescência para estudantes de uma escola pública. Para realizar a ação educativa foi criado um conteúdo programático com palestras sobre o tema, rodas de conversa e espaço para dúvidas. Durante as palestras alguns adolescentes relataram principalmente o abandono aos estudos por parte de meninas que engravidavam ainda no período escolar, preconceito e conflitos familiares. Quanto aos métodos contraceptivos conhecidos, o preservativo masculino e as pílulas anticoncepcionais foram os mais citados. A partir da experiência vivenciada foi perceptível a necessidade que os adolescentes sentem em dialogar sobre sexualidade para expressarem suas necessidades, dúvidas ou experiências. A interação entre profissionais da saúde com a escola resulta em um alto nível de aprendizado sobre a temática exposta, proporcionando autonomia aos jovens.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Anticoncepção; Educação em saúde; Enfermagem.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência compreende desde os 10 a 19 anos, 11 meses e 29 dias de idade (BRASIL, 2010). Esse período é caracterizado pelos marcos simbólicos de mudanças físicas devido a maturidade sexual. (BESERRA, et al., 2017). Porém, de acordo com Lima et al (2017) não só as mudanças corporais devem ser levadas em consideração nessa fase, tendo em vista que também o emocional do adolescente está se desenvolvendo para novas tomadas de decisões e descobertas.

Para Moraes e Vitale (2012) a sexualidade é desenvolvida nesse período passando a compor a identidade do indivíduo. Novos relacionamentos afetivos são estabelecidos e divergências de ideias tornam-se presentes, fazendo-se necessário a contribuição especialmente de um adulto para auxiliar nos possíveis desafios e questionamentos sociais e

personais, para que o adolescente possa determinar suas ações de forma saudável e autônoma.

Poder refletir antecipadamente sobre o início da vida sexual de forma segura beneficia a faixa etária em questão para uma evolução saudável (BESERRA, et al., 2017). Dessa forma evitando que principalmente as adolescentes sofram com as implicações negativas de uma gravidez precoce (BERETTA, et al., 2011). Porém, segundo Brasil (2008) o sexo ainda é visto como um tabu, do contrário, as trocas de informações desprovidas de preconceito, opiniões morais ou religiosas contribuiriam para o adolescente entender que o ato sexual faz parte da intimidade pessoal, envolve duas pessoas e que estas devem ser responsáveis por quaisquer situações resultantes de seus atos.

Os direitos relacionados à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes são assegurados de acordo com as leis e políticas como as do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens. Dentre esses direitos está o acesso ao planejamento reprodutivo, que deve ser realizado como um meio de incentivo a adoção de condutas sexuais seguras (BRASIL, 2013).

Entretanto, estudos realizados para investigar o conhecimento de adolescentes acerca dos métodos contraceptivos comprovam que mesmo com políticas voltadas para esclarecimento desse tema os participantes das pesquisas relatavam na maioria dos casos conhecerem apenas alguns métodos como o anticoncepcional oral e o preservativo masculino, mas não conseguiam definir sua real importância ou o modo correto de utilizá-los, chegando a fazer o seu uso de forma descuidada ou que não garantisse sua total eficiência. (CORTEZ et al., 2013; KEMPFER et al., 2012; VIEIRA, et al., 2017).

Sendo assim, Vieira et al (2017) sugere que as ações de atenção à saúde dos adolescentes sejam feitas de modo a aperfeiçoar o planejamento familiar ou reprodutivo, com a disponibilidade e esclarecimentos sobre os métodos de anticoncepção por um profissional qualificado, para que assim, cada vez menos sejam registrados casos de gravidez ou reincidências de gravidez na adolescência, juntamente com a redução de casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Dados do relatório da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) no ano de 2018 relatam a preocupação quanto ao alto índice de adolescentes grávidas no Brasil. A taxa fica em 68,4 recém-nascidos (RN) para cada

1.000 adolescentes. Deste modo é possível ir de acordo com Vieira et al (2017) quando o mesmo menciona a gravidez na adolescência como um problema de saúde pública que acarreta mudanças físicas, pessoais e psicossociais, alterando a rotina tanto da mãe e do bebê, quanto da família em geral.

A educação em saúde ou educação sexual pode contribuir para que cada vez mais os adolescentes conheçam e façam uso correto e regular de métodos contraceptivos evitando assim uma gravidez (FERREIRA, et al., 2014). Existe a necessidade de que a promoção da saúde para quem esteja passando pela puberdade seja feita com vínculos intersetoriais que possibilitem o diálogo entre o setor saúde, escola e família (BRASIL, 2010; MORAES; VITALE, 2012). O desenvolvimento de ações educativas em saúde nas escolas tem se mostrado uma chance de criar momentos para reflexão e conversas que garantam ao adolescente expressar seus sentimentos e dúvidas, principalmente por se tratar de um ambiente onde os mesmos já estão familiarizados e passam boa parte do seu dia (MARTINS, et al., 2011).

Diante do exposto entende-se a necessidade de cada vez mais os profissionais de saúde, inclusive os enfermeiros, em prestar uma assistência mais integral e abrangente à saúde dos adolescentes. Tendo em vista que a educação em saúde pode ser utilizada como um instrumento de aproximação entre o profissional e o público alvo, garantindo o esclarecimento de dúvidas, o incentivo ao protagonismo do adolescente quanto às escolhas sexuais e criação de vínculo. O estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada através de ação de educação em saúde sobre métodos contraceptivos e prevenção da gravidez na adolescência para estudantes de uma escola pública.

MÉTODO

Estudo descritivo, tipo relato de experiência vivenciado por discentes do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) acerca de ação de educação em saúde sobre o tema: Métodos contraceptivos e Prevenção da gravidez na adolescência. Desenvolvida para fins avaliativos da disciplina Capacitação Pedagógica durante o mês de maio de 2015.

A seleção da escola foi aleatória, independente de ser pública ou privada. Os critérios utilizados foram apenas que tivessem adolescentes e que a direção concordasse em participar da ação. A diretora de uma escola pública foi contatada e informada sobre a realização da

educação em saúde como parte do componente da disciplina da universidade, assim, a mesma autorizou o encontro por meio de ofício e escolheu a turma. Uma turma de 7º ano foi selecionada e a educação em saúde aconteceu em dia estabelecido pela escola no horário das aulas.

Para realizar a educação em saúde foi criado um conteúdo programático com palestras sobre uma explicação geral sobre o tema, atividades de leitura em grupo e discussão sobre o assunto abordado, quanto à gravidez e métodos contraceptivos, foram mencionados os riscos, tipos e como usar, além de possibilitar que os adolescentes expressassem seus conhecimentos e dúvidas.

Os materiais utilizados foram apresentações em PowerPoint englobando a adolescência, sexualidade, panorama geral de adolescentes grávidas e métodos contraceptivos detalhados com definição, modo de uso e cuidados gerais. Pessoalmente foram mostrados os preservativos feminino e masculino e cartelas de anticoncepcional oral, já os outros métodos foram expostos apenas por imagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Palestra: Gravidez na adolescência

No primeiro contato com os adolescentes o tema proposto para a educação em saúde foi explicado e assimilado ao momento que os mesmos estavam passando, por se tratar de um período de transição de fases da vida. O período de adolescência e início da sexualidade foram enfatizados, seguidos por informações gerais de marcos do desenvolvimento como a menarca, mudanças corporais e relações sexuais. Segundo Brasil (2008) é necessário que as conversas sobre sexualidade sejam abordadas de forma a não constrangerem os adolescentes para que as respostas e diálogos não sejam afetados pela vergonha, sendo assim, perguntas mais genéricas sobre o convívio familiar, escolar e atividades de lazer devem preceder a questionamentos sobre relacionamentos amorosos e o sexo em si.

Um panorama geral sobre a prevalência de adolescentes grávidas foi apresentado possibilitando que os alunos comentassem sobre possíveis casos que conheciam e o modo como esta nova situação afetava positiva ou negativamente a vida dos envolvidos. Alguns adolescentes relataram principalmente o abandono aos estudos por parte de meninas que engravidavam ainda no período escolar, preconceito e conflitos familiares. Indo de encontro

aos estudos de Lima et al (2017) e Silveira e Santos (2013) que observaram uma maior evasão escolar prematura relacionada a fatores sociais e econômicos variados, a partir do momento que as adolescentes assumiam a maternidade.

Quanto às implicações de uma gravidez precoce foram elencadas as intensas mudanças no curso de vida das adolescentes. Ainda que, em algumas situações as mesmas possam apenas seguir os passos normais de uma gestação, é necessário atentar para possíveis complicações mais frequentes, como aborto, crises hipertensivas, entre outros (VIEIRA, et al., 2017). Juntamente com a forma como essas meninas têm sua rotina e seguimento de vida afetados por uma gravidez numa idade tão jovem, como uma repercussão negativa nos estudos e trabalhos futuros, propiciando dificuldades econômicas e dependendo da classe social uma propagação de ciclos de pobreza e saúde de má qualidade (OPAS; UNICEF, 2018)

Ainda segundo OPAS e a UNICEF (2018) à incidência de gravidez na adolescência é acentuada por uma deficiência no acesso a educação sexual por parte dos meninos e meninas. Para Kempfer et al (2012) práticas de educação em saúde devem favorecer novas aptidões e capacidade para distinguir melhorias de condições de vida. Assim, o profissional de saúde tem um papel fundamental para transmitir informações que favoreçam habilidades positivas para os adolescentes.

O pensamento crítico foi estimulado quando foi distribuído um caso clínico fictício sobre um casal adolescente que decidia ter sua primeira relação sexual e não usavam método contraceptivo, resultando em uma gravidez. Diversos questionamentos foram sendo feitos ao longo da estória, dentre eles, o papel dos pais no apoio e discussão quanto à saúde sexual. Algumas adolescentes relataram que tinham um diálogo aberto principalmente com as mães, outras, no entanto, não estavam abertas a conversar sobre sexo em casa.

É no momento que ocorre a falha da educação sexual em casa, que a escola deve participar juntamente com um profissional de saúde como um meio de prevenir a gravidez, como também apoiar à adolescente quando a mesma engravida. Estimular a participação dos pais no processo de educação sexual é uma estratégia que pode surtir efeitos positivos. É nesse momento que o enfermeiro torna-se indispensável no apoio familiar e escolar, orientando assim principalmente os pais a enfrentarem a fase que seus filhos estão vivenciando. Além disso, quanto mais o profissional de saúde demonstrar interesse e acolher bem o adolescente, cada vez mais, o mesmo irá criar vínculo e segurança para buscar informações seguras para suas dúvidas (KEMPFER, et al., 2012; MARTINS, et al., 2011; TAVARES, et al., 2012).

Palestra: Métodos contraceptivos

Inicialmente foi esclarecido aos adolescentes que os métodos contraceptivos serviam para prevenir uma gravidez indesejada como também infecções sexualmente transmissíveis (BRASIL, 2013). Ao serem questionados sobre os métodos que já tinham ouvido falar ou conheciam, os mesmos mencionaram o preservativo masculino, as pílulas anticoncepcionais e as pílulas de emergência ou do dia seguinte.

Sendo assim, tendo como base o Caderno de atenção básica sobre saúde sexual e reprodutiva (BRASIL, 2013), foram especificados os métodos contraceptivos hormonais como os anticoncepcionais orais, injetáveis e de emergência, métodos de barreira como os preservativos feminino e masculino, métodos intrauterinos como o dispositivo intrauterino (DIU) de cobre e por fim o método comportamental por meio do coito interrompido. Todas as informações sobre melhor escolha, modo de usar, como funciona o método, suas vantagens e desvantagens foram expostas aos adolescentes.

Ao longo da exposição dos contraceptivos o grupo foi se sentindo a vontade para refletir e dialogar sobre como escolher um método e o porquê do seu uso. Foram tiradas dúvidas principalmente sobre como iniciar uma cartela de anticoncepcional oral, como calcular o período fértil e o modo correto de utilizar os preservativos. Além disso, sempre era enfatizada a importante associação de métodos hormonais com métodos de barreira para evitar infecções sexualmente transmissíveis.

A capacidade de conhecer e controlar suas decisões quanto à sexualidade beneficia o adolescente no momento de iniciar sua vida sexual (BESERRA, et al., 2017). O enfermeiro que realiza ações de educação em saúde com a população mais jovem passa a ter um forte papel de instrutor. Inserindo-se no ambiente escolar, passando conhecimento e capacitando o público alvo quanto a tomada de decisões (VIEIRA, et al., 2017) o profissional de enfermagem estimula o adolescente a usufruir de seus direitos, propiciando uma autonomia no decorrer de suas experiências sexuais de modo seguro e saudável (KEMPFER, et al., 2012).

Ainda de acordo com Kempfer et al (2012) é na primeira relação sexual desprotegida que já se tem a possibilidade de uma gravidez indesejada. Levando isso em conta, foi necessário esclarecer aos adolescentes presentes, que o uso de métodos contraceptivos deve ser iniciado desde a primeira atividade sexual. É possível inferir que um dos motivos que os adolescentes acabem por não aderir ao uso de contraceptivos vá de encontro a Beserra et al (2017) quando mencionam que muitas vezes os jovens acabam se deixando levar pelo

momento, arriscando-se à exposição de riscos por seguirem seus sentimentos e desejos.

As orientações passadas aos alunos foram adequadas a conversas mais informais, para possibilitar a criação de um vínculo entre os ouvintes e os palestrantes. Em todo o momento os adolescentes que permaneciam mais reclusos também eram estimulados a participar ativamente, para que não restassem dúvidas de que todos saíssem da ação educativa com os mesmos conhecimentos.

De acordo com Brasil (2008) o profissional de saúde deve demonstrar que está acessível para conversar com o adolescente ou com sua família. Além disso, Kempfer et al (2012) afirma que a intersetorialidade entre atividades na escola e acesso a consultas de enfermagem na atenção básica tem um resultado positivo no incentivo ao autocuidado por parte dos adolescentes, para que assim segundo Costa, Guerra e Araújo (2016) dêem continuidade a atitudes de proteção ao aderirem aos meios de anticoncepção regularmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência vivenciada foi perceptível a necessidade que os adolescentes sentem em dialogar sobre sexualidade para expressarem suas necessidades, dúvidas ou experiências. O setor escolar ainda tem dificuldades em abranger a temática, seja por déficit de profissionais que se disponham a proporcionar momentos de educação sexual ou simplesmente por descuido. A interação entre profissionais da saúde, principalmente enfermeiros, com a escola pode resultar em um alto nível de aprendizado, para que os alunos possam se sentir capazes de tomar decisões que beneficiem práticas sexuais livres de riscos. O Ministério da Saúde reconhece essas ações como positivas, quando se juntou ao Ministério da Educação para criação do Programa Saúde da Escola (PSE).

O planejamento reprodutivo deve ser um meio de apoio que proporcione interação entre a família e os jovens, melhorado assim o debate sobre início da vida sexual entre pais e filhos. Mesmo que ações educativas sejam realizadas no ambiente escolar é necessário que ocorra o incentivo a um acompanhamento mais direto e individualizado, como as consultas de enfermagem em estratégias de saúde da família (ESF), onde o jovem deve ser bem acolhido, ouvido e orientado em suas escolhas.

A educação em saúde sobre gravidez e métodos contraceptivos tem boa aceitação por parte dos adolescentes. Através das palestras e vínculo estabelecido com o grupo presente foi observado que o nível de conhecimento adquirido sobre o tema abordado foi satisfatório.

Sensibilizar quanto à importância de prevenção de gravidez precoce e proteção contra infecções sexualmente transmissíveis é papel não só do profissional de saúde, mas também de qualquer outro adulto que esteja envolvido no desenvolvimento pessoal ou social do adolescente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília, 2008.

BERETTA, M.I.R.; et al. A construção de um projeto na maternidade adolescente: relato de experiência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n.2, p.533-6, 2011.

BESERRA, E.P.; et al. Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida “expressar sexualidade”. **Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online**, v.9, n.2, p.340-346, 2017.

CORTEZ, D.N.; et al. Aspectos que influenciam a gravidez na adolescência. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 3, n. 2, p. 645-653, 2013.

COSTA, G.P.O.; GUERRA, A.Q.S.; ARAÚJO, A.C.P.F. Conhecimentos, atitudes e práticas sobre contracepção para adolescentes. **Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online**, v. 8, n. 1, p. 3597-3608, 2016.

FERREIRA, E.B.; et al. Causas predisponentes à gestação entre adolescentes. **Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online**, v. 6, n. 4, p. 1571-1579, 2014.

KEMPFER, S.S.; et al. Contracepção na adolescência: uma questão de autocuidado. **Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online**, v. 4, n. 3, p. 2702-11, 2012.

LIMA, M.N.F.A.; et al. Adolescentes, gravidez e atendimento nos serviços de atenção primária à saúde. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, v. 11, supl. 5, p.2075-82, 2017.

MARTINS, C.B.G.; et al. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 573-578, 2011.

MORAES, S.P.; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v.85, n.1, p.48-52, 2012.

OPAS; UNICEF. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo em la adolescência en América Latina y el Caribe**, 2018.

SILVEIRA, R.E.; SANTOS, A.S.. Gravidez na adolescência e evasão escolar: revisão integrativa da literatura. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 2, n. 1, p. 89-98, 2013.

TAVARES, K.O.; et al. Perfil de puérperas adolescentes atendidas em um hospital ensino do sul do país. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 34, n. 1, p. 9-15, 2012.

VIEIRA, B.D.G.; et al. A prevenção da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, v. 11, supl. 3, p. 1504-12, 2017.